

# Novos olhares sobre história da África e sua cultura

Por Aderaldo Pereira dos Santos<sup>1</sup>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) foram criados, em grande parte, por força dos movimentos em prol da efetivação da lei 10.639/2003 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de História da África e Cultura afro-brasileira nas instituições educacionais do Brasil.

Agrupamentos de profissionais de educação, preocupados em estabelecer ações que contribuíssem para o cumprimento efetivo da Lei 10.639/2003, criaram NEABs, em suas instituições de trabalho, como forma de estimular o debate sobre os conteúdos previstos na referida lei. Foi este o sentido do NEAB ter surgido no DEGASE. O propósito dos servidores que criaram este Núcleo de Estudos foi torná-lo ferramenta estimuladora de uma educação antirracista no Sistema Socioeducativo.

Neste sentido, entendo que o ensino de História e Cultura africana é um conhecimento importante para trabalharmos uma educação antirracista no DEGASE. O objetivo deste artigo, portanto, é apresentar, em linhas gerais, os aspectos abordados na aula, *Novos olhares sobre História da África e sua Cultura*, que ministrei no curso do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro do Novo DEGASE (NEAB-ND), realizado em outubro de 2016 na Escola de Gestão Socioeducativa.

## NOVOS OLHARES SOBRE HISTÓRIA DA ÁFRICA E SUA CULTURA

O título da aula é um ponto de partida para se compreender o sentido de tratarmos sobre África num curso de formação para servidores do Novo DEGASE. Além do fato de que não se pode deixar de falar de África numa atividade de formação patrocinada por um NEAB, tratar sobre História e Cultura africana configura-se em oportunidades de se perceber o quanto de visões preconceituosas e racistas foi construído a respeito deste continente, em grande parte, fruto de uma educação colonizada e eurocêntrica que, além de ensinar de modo parcial e fragmentado a complexa História da África, reproduz distorções e mentiras que precisam ser revistas. Sendo assim, me propus a abordar sobre *novos olhares* em relação à África.

O primeiro aspecto da aula, no entanto, foi desenvolver atividade em que pudéssemos constatar os velhos olhares a respeito da África que estariam na memória dos participantes do curso. Perguntei-lhes qual a primeira coisa que lhes vinha à cabeça quando pensavam em África. E, assim, os velhos olhares se materializaram através de palavras com teor negativo, como “doença”, “violência”, “miséria”,

<sup>1</sup> Doutorando em Educação da UFRJ, Mestre em Educação da UERJ, professor de História do DEGASE e da FAETEC.

“atraso”, dentre outras. Em seguida, busquei refletir sobre o porquê destas visões negativas e de onde teriam vindo tais concepções. O próximo passo, então, foi abordar a respeito de alguns dos saberes e áreas de conhecimento que, no campo da História das ideias, contribuíram para alimentar as visões negativas sobre o continente africano. O propósito foi relacionar tais visões com a perspectiva histórica da cultura política do racismo, tomando por base as análises sobre o século XIX de um dos principais estudiosos do fenômeno do racismo no mundo, Michel Wieviorka:

O pensamento social do racismo que então se desenvolve é não muito longe da obra exclusiva de sociólogos, que de outra forma só raramente se definiram como tal. Tal pensamento é forjado com a convergência formidável de todas as áreas do conhecimento, com inúmeras contribuições de filósofos, teólogos, anatomistas, fisiologistas, historiadores, filólogos, mas também escritores, poetas e viajantes, e teve como base comum o princípio de classificação espécies, das quais Linnaeus deu talvez a formulação mais influente (1992, p. 30).

Wieviorka cita, na passagem acima, o nome de Carl Linnaeus (1707-1778), naturalista que classificou as raças humanas em quatro agrupamentos: europeu-branco, americano-moreno, asiático-amarelo e africano-negro, atribuindo valores positivos para o “europeu-branco” e negativos para os demais, sobretudo, o “africano-negro”. Ao lado de Buffon, Linnaeus é considerado um dos precursores do pensamento que hierarquizou os grupos humanos em bases raciais.

Filósofos de peso, como Kant e Hegel (existem outros), também contribuíram para fortalecer e divulgar as visões racistas a respeito da África, visões estas que vindo de importantes pensadores soavam como força de verdade.

Para Kant (1993):

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um negro tenha demonstrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. (1993, p. 75/76).

Hegel (1928), que afirmara que a África é um continente “sem história”, apresenta a seguinte “pérola” de pensamento racista em relação aos negros africanos, um tipo de ideia que possivelmente teve grande influência na sociedade da época, sobretudo, no meio intelectual:

Encontramos (...), aqui o homem em seu estado bruto. Tal é o homem na África. Porquanto o homem aparece como homem, põe-se em oposição à natureza; assim é como se faz homem. Mas, porquanto se limita a diferenciar-se da natureza, encontra-se no primeiro estágio, dominado pela paixão, pelo orgulho e a pobreza; é um homem estúpido. No estado de selvageria achamos o africano, enquanto podemos observá-lo e assim tem permanecido. O negro representa o homem natural em toda a sua barbárie e violência; para compreendê-lo devemos esquecer todas as representações europeias. Devemos esquecer Deus e a lei

moral. Para compreendê-lo exatamente, devemos abstrair de todo respeito e moralidade, de todo o sentimento. Tudo isso está no homem em seu estado bruto, em cujo caráter nada se encontra que pareça humano (...). (HEGEL, 1928, p. 193/194).

Em certa medida, quando alguém compartilha a visão de comparar negros aos macacos, mesmo sem ter consciência disso, está se inserindo nesta cultura política do racismo gestada através de argumentos teológicos (séculos XV e XVI) e os ditos “científicos” (séculos XVII, XVIII, XIX e início do XX) como abordam estudiosos do tema (WIEVIORKA, 1992; MUNANGA, 1999; SANTOS, 2002).

Depois deste preâmbulo com o qual busquei desconstruir as visões negativas que se propagam sobre a África, procurando demonstrar que tais visões são resultado de um processo histórico que se articula com a história do fenômeno do racismo, o passo seguinte foi olhar mais de perto este continente que os estudos arqueológicos afirmam ser o berço da humanidade.

Um novo olhar sobre a África precisa considerar de imediato, dois aspectos importantes. Primeiramente, o fato de a África ser, antes de tudo, um continente complexo e diversificado. Formado por vários países, etnias, línguas, religiões e culturas das mais diversas, a África deve ser pensada no *plural*. Isto significa que qualquer conceito, ideia ou concepção unívoca sobre este continente tende a ser limitada e, por conseguinte, equivocada. O outro ponto importante é compreender que não se conhece a História africana de modo satisfatório, sem levar em consideração a sua geografia. Não foi à toa que a África tornou-se alvo da maior rapinagem da humanidade feita pelos europeus. Continente localizado no centro do planeta Terra, em contato com grandes oceanos e mares, e portador de riquezas minerais e florestais de grande valor econômico e medicinal.

O novo olhar também precisa refletir com mais profundidade o fato da África ser o lugar no planeta em que o ser humano surgiu enquanto espécie. Os povos africanos são os pioneiros na produção cultural humana. Ao invés de pensar a África como sendo sem história e sem cultura, como apregoaram divulgadores do racismo, é preciso se ater a este aspecto fundamental do pioneirismo africano em relação ao saber e conhecimento humano.

Neste sentido, a abordagem sobre grandes civilizações africanas do passado, a exemplo do Egito e da Etiópia, fez-se necessária, sobretudo, para reforçar que muitos conhecimentos desenvolvidos no chamado mundo ocidental tiveram sua origem nestas civilizações. Além disso, foram destacados os inúmeros impérios, reinos e sociedades tipicamente africanas.

Mapas foram amplamente utilizados na aula, pois a cartografia é um campo do conhecimento que contribui para visualizarmos os processos históricos pelos quais o continente africano passou. Sendo assim, foi possível refletir sobre as diversas rotas comerciais da África: rotas internas e externas, rotas islâmicas, rotas no deserto do Saara, dentre outras. O comércio não apenas significava trocas econômicas, era também lugar de trocas culturais das mais diversas.

As experiências das lutas de libertação africana foram exemplos destacados da força de vontade e persistência dos povos da África no enfrentamento ao colonialismo europeu. São experiências de luta que não só libertaram os africanos da dominação europeia, também serviram de estímulo e inspiração para lutas dos movimentos de negros e negras em todas as partes do mundo, inclusive, no Brasil.

Destaquei também os chamados valores civilizatórios afro-brasileiros, como forma de refletir a respeito de algumas das influências das culturas africanas no Brasil. Valores como *memória, oralidade, ludicidade, ancestralidade*, dentre outros, foram abordados de modo a se fazer perceber o quanto podemos tomar o ponto de vista africano para estabelecermos relações étnico-raciais com base no respeito e tolerância.

Enfim, busquei: apresentar um novo olhar sobre a África; desconstruir visões naturalizadas e preconceituosas sobre este continente, resultado de uma educação colonizada e etnocêntrica; apresentar a riqueza histórica da África e dos africanos, suas marcas em nossa sociedade; debater a respeito de um olhar sobre o outro pautado na compreensão das diferenças, na tolerância e na percepção do valor cultural dos povos africanos.

Reafirmei, portanto, a reflexão que desenvolvi em outro texto no qual tive a oportunidade de escrever sobre a importância do ensino da História da África:

Philip. D. Curtin disse certa vez que para os africanos, “o conhecimento do passado de suas próprias sociedades representa uma tomada de consciência indispensável ao estabelecimento de sua identidade em um mundo diverso e em mudança” (CURTIN, 2010, p. 37). Entendo que a “tomada de consciência indispensável” à qual se refere Curtin, também diz respeito às diversas sociedades que sentiram a ação política e cultural da diáspora africana no processo histórico de suas formações. Sendo assim, considerando a sociedade brasileira fruto, em grande parte, do trabalho econômico, político e cultural de africanos e seus descendentes nascidos aqui, presumo ser no mínimo necessário conhecermos e pensarmos mais sobre a África, para conseguirmos realizar o que Curtin disse acima. Isto nos coloca de imediato um desafio: ampliarmos o “espaço da África” na sociedade. A busca desta ampliação implica, de forma dialética, na ampliação do espaço da África dentro de nós. Este raciocínio se inspira nas reflexões de Franz Fanon acerca do fenômeno da “descolonização” (Os Condenados da Terra) e na “Arma da Teoria” de Amílcar Cabral. Um conhecimento histórico da África consistente é uma “arma teórica” fundamental em prol da “descolonização” da educação brasileira. (SANTOS, 2012, p. 83/84).

Durante muito tempo um dos obstáculos para se ampliar o conhecimento sobre África era a dificuldade de se ter acesso a um material de qualidade que tratasse dos conteúdos da História e Cultura africana. Este não é mais um problema. A principal obra que trata do assunto, os oito volumes da *História Geral da África*, publicação da UNESCO, está disponível em PDF a qualquer pessoa interessada. Basta abrir o site da UNESCO, do Ministério da Educação ou da Secretaria Nacional de Promoção da Igualdade Racial. Além disso, nestes sites há também outros materiais importantes, além da versão simplificada em dois volumes da *História Geral da África*. Conclui a minha aula abordando estas informações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que busquei desenvolver em minha aula a respeito de *Novos olhares sobre a História da África e sua Cultura* foi, dentre outras coisas, demonstrar a importância de se ter um conhecimento da África desprovido de preconceitos e visões estereotipadas.

Um conhecimento que permita a compreensão de que, assim como os demais povos do mundo, os africanos produziram histórias e culturas que fazem parte da história da humanidade. Não são melhores nem piores do que ninguém. São apenas africanos e parte desta cultura deixou sua marca em nossa sociedade brasileira.

Conhecer sobre África para melhor compreender sua história, sua cultura, e desta feita, compreender melhor o outro, o diferente. Este foi um dos sentidos da minha aula. Outro sentido foi contribuir para a percepção do quanto aprender sobre África é importante para se combater o racismo nosso de cada dia.

## REFERÊNCIAS

- CURTIN, Phillip. D. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e Fage, J.D. História da África. Edições 70. Lisboa. 1995.
- FREIRE, Paulo. A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. / Paulo Freire, Sérgio Guimarães, São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- HERNANDEZ, Leila Leite. A África na sala de aula: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- KABENGELE. Munanga. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- Origens africanas do Brasil contemporâneo – Histórias, Línguas, Culturas e Civilizações. São Paulo: Global, 2009.
- KANT, Emmanuel. Observações sobre o sentimento do belo e do sublime/Ensaio sobre as doenças mentais. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- KI-ZERBO, Joseph. Introdução Geral. In História Geral da África. Ática/UNESCO. SP. 1982
- MATTOS, Hebe. O ensino da História e a luta contra a discriminação racial no Brasil. In: Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia/Martha Abreu e Rachel Soihet (orgs.) – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- NUNES PEREIRA, José Maria. Colonialismo, Descolonização e Racismo. In Estudos afro-asiáticos nº 2. CEEA. RJ. 1978.
- África um novo olhar. Rio de Janeiro: CEAP, 2006.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. Rio de Janeiro: CEEA, Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, nº 3, 2003, pp. 421-461.
- PEREIRA, Amauri Mendes. Porque Estudar História da África? Rio de Janeiro: CEAP, 2006.
- ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. História da África na Educação Básica: almanaque pedagógico – referenciais para uma proposta de trabalho. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.
- SANTOS, Aderaldo Pereira dos. O Movimento Negro e a Juventude em conflito com a lei. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, 2007.
- Reflexões educativas sobre o ensino da História da África. In: Relações étnico-raciais na escola: desafios teóricos e práticas pedagógicas após a Lei 10.639/ Orgs Claudio Miranda, Mônica Regina Ferreira Lins e Ricardo Cesar Rocha da Costa. Rio de Janeiro: Quarte: Faperj, 2012.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. A invenção do “ser negro”: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- SERRANO, Carlos & Maurício Waldman. Memória D’África: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.
- WIEVIORKA, Michel. El espacio del racismo. Barcelo: Ediciones Paidós Ibérica, 1992.